

## “MALALA: UMA MENINA MUITO CORAJOSA”: UMA ANÁLISE DA OBRA DE JEANETTE WINTER

André Augusto Diniz Lira <sup>1</sup>  
Maria Luiza Limeira da Silva <sup>2</sup>  
Dayena Medeiros Lira <sup>3</sup>  
Gérson Euriques de Vasconcelos Filho <sup>4</sup>

### RESUMO

A história de Malala Yousafzai tornou-se conhecida pela defesa do direito à educação das meninas, protagonizado tanto pela autora quanto por seu pai, professor e diretor de uma pequena escola no Paquistão. Sua família sofreu duramente as agruras da perseguição terrorista e seu pai foi muito importante na configuração da personalidade e da resiliência de Malala. Seu livro “Eu Sou Malala”, escrito em co-autoria com Christina Lamb, já foi adaptado ao público infantil e infanto-juvenil, assim como sua história de vida tem sido recontada por outros autores. Este artigo analisa o livro infantil ilustrado “Malala: uma menina muito corajosa” de Jeanette Winter (2019), importante para a educação emocional. Do ponto de vista teórico, aproximamo-nos de Winnicott (1996) e, do ponto de vista empírico, pautamo-nos nas representações discursivas construídas em torno de Malala, na perspectiva da linguística textual de Adam (2008), considerando o enredo, os personagens e os cenários da narrativa. Malala é retratada como uma heroína, em um enredo que celebra a sua coragem e seu protagonismo político, principalmente no cenário escolar e do mundo público (na rua). O clímax é centrado no atentado e o fechamento da obra focaliza a conferência de Malala para líderes do mundo inteiro. Ao considerar o enredo, destaca-se a coragem, a luta e a resiliência dela por um viés individual, ainda que a causa seja social. Na obra em tela, a família de Malala perde importância naquilo que, para ela, significa em sua trajetória de vida, inclusive na questão da sustentação (*holding*) e do manejo (*handling*), em inúmeras situações adversas. Na perspectiva da educação emocional, a representação discursiva de uma heroína sem vínculos é ilusória e prejudicial ao entendimento da realidade da vida concreta, na qual os vínculos familiares são fundantes para a construção da resiliência humana.

**Palavras-chave:** Literatura Infantil, Malala, Educação Emocional.

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela UFRN. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande (PPGE/ UFCG). Email: [andreaugustoufcg@gmail.com](mailto:andreaugustoufcg@gmail.com);

<sup>2</sup> Egressa do Programa de Educação Tutorial (PET Pedagogia) e Graduada em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Email: [limeiraluizamaria@gmail.com](mailto:limeiraluizamaria@gmail.com);

<sup>3</sup> Mestre em Linguagem e Ensino pela UFCG. Professora da Secretaria da Educação e da Ciência e Tecnologia da Paraíba. Professora do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Email: [dayenamedeiros@gmail.com](mailto:dayenamedeiros@gmail.com);

<sup>4</sup> Egresso do Programa de Educação Tutorial (PET Pedagogia) e Graduado em Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Email: [gersonvasconcelos098@gmail.com](mailto:gersonvasconcelos098@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

A história de Malala Yousafzai tornou-se conhecida pela defesa do direito à educação das meninas, protagonizado tanto pela autora quanto por seu pai, professor e diretor de uma pequena escola no Paquistão. Sua família sofreu duramente as agruras da perseguição terrorista e seu pai foi muito importante na configuração da personalidade e da resiliência de Malala. Seu livro “Eu Sou Malala”, escrito em co-autoria com Christina Lamb (YOUSAFZAI; LAMB, 2013), já foi adaptado ao público infantil e infanto-juvenil, assim como sua história de vida tem sido recontada por outros autores.

Este artigo analisa o livro infantil ilustrado “Malala: uma menina muito corajosa” de Jeanette Winter (2019), importante obra a considerar o tema da educação emocional, que tem sido recorrente, devido a sua inserção progressiva nas práticas curriculares, motivadas pelas mudanças nas políticas educacionais mais recentes.

O livro de Jeanette Winter (2019), de fato, é um ilustrado infantil conjugado daqueles que se invertem a diagramação para que o leitor atente que se trata de duas narrativas. As histórias narradas são de crianças paquistanesas um menino e uma menina com trajetórias igualmente trágicas uma com superação de um atentado (Malala) e outra infelizmente que resultou na morte de Iqbal Masih (1982-1995). Segundo a autora, ela teve conhecimento da vida desse menino por seu obituário três dias depois de sua morte. Vale a pena a longa citação abaixo para situarmos o contexto duro da vida dessas crianças contemporâneas, a maioria das quais desconhecidas.

Iqbal Masih nasceu no vilarejo de Muridke, perto de Lahore, no Paquistão. Quando tinha apenas quatro anos, seus pais muito pobres, fizeram um empréstimo de doze dólares com o dono de uma fábrica de tapetes. Em troca, Iqbal se tornou um trabalhador escravo, acorrentado todos os dias até que sua dívida fosse paga. Ele ganhava 20 centavos por dia.

Aos dez anos, Iqbal foi libertado pela frente de libertação do trabalho forçado do Paquistão. Depois de conquistar a liberdade, ele protestou contra o trabalho infantil.

Os relatos dos horrores vividos por Iqbal se espalharam. Ele viajou para vários lugares do mundo para contar a sua história.” (WINTER, 2019, p. 1).

A partir de então, Iqbal foi recebido para conferências em várias cidades do mundo. Isso levou a uma reação trágica por parte de seus conterrâneos, justamente aquelas ligada à indústria do tapete. Daí que: “Quando ele e dois primos estavam andando de bicicleta pelo vilarejo onde moravam, em 16 de abril de 1995, Iqbal levou um tiro e morreu. Ele tinha doze anos” (WINTER, 2019, p. 1).

A história de Malala Yousafzai não teve um fim trágico a esse ponto, mas tinha tudo para ter. Filha de um professor de inglês (Ziauddin), igualmente no Paquistão, assistiu quando criança a volta progressiva do regime talibã que proibia terminantemente as meninas de frequentarem as escolas assim como estabelecia tantas outras regras sobretudo para mulheres e para homens também. Escolas foram queimadas, muitas pessoas foram condenadas e mortas pelos mais diversos motivos, a imprensa foi cerceada, sendo o terrorismo psicológico e físico materializado de tantas formas, pelo viés de uma interpretação única e soberana (pelas armas) do talibã.

O pai de Malala era um verdadeiro ativista político que tinha voz e vez entre aqueles que rejeitavam esse regime imposto, mas de muitas maneiras fora alertado do risco de morte que rondava a sua casa, inclusive a respeito de sua filha que comungava com suas ideias “transgressoras” da ordem do talibã. Ela, por sua vez, também foi se tornando uma referência quanto à resistência para com aquela opressão político-religiosa. Ele nunca imaginara que uma criança poderia ser alvo do ódio religioso gestado de mentes que, como afirma Morin (2003), são capazes de matar e de morrer pelas ideias, literalmente “possuídos” pelas ideias. Tal é o fundamentalismo religioso.

Ao tomar como ponto de partida a contextualização dessas histórias de vida, consideraremos apenas uma dessas, a de Malala, a partir do texto verbal e das ilustrações de Jeanette Winter. O nosso foco aqui é se a abordagem da autora recupera o contexto familiar, as relações de afeto e proximidade de propósito com o pai, que, em nosso ponto de vista constituem-se como fundantes para a resiliência de Malala. Para tanto, discorreremos brevemente sobre a matriz teórica que nos inspiramos para cotejar as análises, depois sobre as questões de ordem metodológica para daí proceder nas análises.

## REFERENCIAIS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

A matriz psicanalítica freudiana é conhecida pela abordagem que valoriza muito o determinismo psíquico, a sexualidade e a importância das relações intrafamiliares na formação da personalidade, sobretudo até os 5 anos de idade, assim como uma perspectiva que se gestou pelo estudo dos transtornos mentais. Contudo, a psicanálise contemporânea ou sendo mais precisos as psicanálises contemporâneas possuem diferentes enfoques, que fazem uma releitura da obra de Freud e acrescentam elementos antes não vislumbrados (ZIMERMAN, 1999).

A proposta teórica de Donald Woods Winnicott, pediatra pós-freudiano, incorpora muitos temas importantes para o desenvolvimento da maturidade psicológica, em uma perspectiva que pondera, no nosso entendimento, melhor sobre a saúde humana e a sua integralidade. Para Winnicott, seguindo a perspectiva de Melanie Klein, o psiquismo humano se desenvolveria com uma antecedência maior do que Freud previa, na relação diádica com a mãe. Para esse autor, a mãe suficientemente boa ou o seu substituto seria aquela pessoa que daria um aporte adequado tanto no *holding* (sustentação) quanto relativo ao *handling* (manejo) do infante. Nesse sentido, é importante mencionar que esses tipos de relação estabelecidas não se figurariam não apenas na fase inicial da vida, mas se prolongaria com outros que viriam a se colocar nesse lugar de apoio para a criança, depois para o adolescente e até para o adulto (WINNICOTT, 1990; 1996).

Além desses conceitos, outros são fundamentais como criatividade, objeto transicional, capacidade de estar só, entre outros. Todos esses têm um lugar importante na configuração da saúde mental dos indivíduos. Ainda que consideremos a teoria winnicotiana como uma referência fundante deste trabalho, o uso desta aqui é seletivo e incidental, de tal modo que não estamos advogando uma análise textual a partir dessa teoria, mas inspirados nelas refletimos sobre as lacunas de compreender um ser humano sem as relações humanas que o tecem como sujeito. Do ponto de vista empírico, pautamo-nos nas representações discursivas construídas em torno de Malala, na perspectiva da linguística textual de Adam (2008), considerando o enredo, os personagens e os cenários da narrativa.

Uma representação discursiva constrói um determinado ponto de vista, cuja orientação argumentativa é inseparável do vínculo entre o sentido de um enunciado (conteúdo) e o dizer (forma). Por sua vez, seu valor descritivo tem relação direta com o seu valor argumentativo (ADAM, 2008).

É importante considerar que, diferentemente da Análise de Conteúdo, muito conhecida nas ciências humanas, na perspectiva da produção de categorias, a Análise Textual dos Discursos analisa os diversos posicionamentos produzidos discursivamente, recuperando tanto a palavra quanto o texto como um todo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A capa do livro de Winter (2019) traz a caricatura do perfil de Malala, que têm em suas mãos um livro, tão fundamental e representativo em um espaço marcado pelo patriarcalismo, na qual as mulheres são criadas para servir os homens e possuem oportunidades mínimas para alcançar uma educação básica. Além dessa figura da primeira tela, podemos observar ao fundo as montanhas, características do vale do Swat, e as pipas, muito comuns na sua localidade, que são manuseadas para brincadeiras dos meninos. Diante do contexto patriarcal, as pipas podem representar a liberdade, ao mesmo tempo que levam à uma reflexão sobre as diferenças de gênero tão marcantes no Paquistão pois, enquanto os meninos possuem liberdade para brincar e estudar, as meninas, na transição da infância para a adolescência, são forçadas a iniciar a prática da purdah e se isolam entre quatro paredes. Além da ilustração, a capa traz a título de informação a conquista de Malala do Prêmio Nobel da Paz.

O livro começa articulando fragmentos da história e ilustrações a partir do ataque sofrido no ônibus, e traz a frase famosa do poeta Rabindranath Tagore “Não rezemos para ser protegidos dos perigos, mas para não ter medo de enfrentá-los”. Essa citação, na parte pré-textual, de fato, pode ser considerada uma introdução ao foco temático do livro, que se desdobrará nas imagens e no texto verbal.

Diferentemente da narrativa construída no livro da própria Malala, a narrativa de Winter (2019) direcionada ao público infantil é mais direta, não apresentando a voz do interior da menina no tocante as suas reflexões mais íntimas, seus medos, suas dúvidas, suas perplexidades, seu pensamento crítico em expansão. Em geral, a voz de Malala e de suas colegas são apresentadas em uma perspectiva guerreira, na qual a luta pelo direito de estudar é a tônica.

A história, tal como apresentada, retrata a Malala como uma heroína, em um enredo que celebra a sua coragem e seu protagonismo político, principalmente no cenário escolar e do mundo público (na rua). O clímax é centrado no atentado sofrido e o fechamento da obra focaliza a conferência de Malala para líderes do mundo inteiro. Ao considerar o enredo, destaca-se a coragem, a luta e a resiliência dela por um viés individual, ainda que a causa seja social. Na obra em tela, a família de Malala perde importância naquilo que, para ela, significa em sua trajetória de vida, inclusive na questão da sustentação (holding) e do manejo (handling), em inúmeras situações adversas. Na perspectiva da educação emocional, a representação discursiva de uma heroína sem vínculos é ilusória e prejudicial ao entendimento da realidade da vida concreta, na qual os vínculos familiares são fundantes para a construção da resiliência humana.

Os estudos mais recentes sobre a resiliência têm apontado para o lugar das relações familiares, do grupo de iguais (colegas, amigos), da religiosidade, das atividades (como o esporte) para a constituição da subjetividade. No caso de Malala, é nítido o envolvimento do pai como um aporte de múltiplas identificações com o conhecimento, com a escola por ser professor, justamente em um contexto de exclusão educacional, opressão religiosa e política.

Ziauddin Yousafzai ocupa um lugar de destaque nas narrativas de Malala, em sua autobiografia, ocupando e exercendo o papel de “mãe suficiente boa”, na teoria de Winnicott. Contudo, da mesma forma, ele também vivendo tantos dramas e faltas vive relações de reconhecimento mútuo e em alguns momentos de dependência de Malala. A sua esposa irá também ter um lugar de destaque na sua própria biografia, mas é com Malala que ele vive e revive seus sonhos de transformação da sociedade pela via da escolarização (YOUSAFZAI, Z.; CARPENTER, 2019).

É evidente que um livro infantil não apresenta as complexidades da vida humana em sua amplitude, pois se trata de uma adaptação/adequação ao pensamento segundo as capacidades dos pequenos. Contudo, como a trajetória de vida de Malala é muito conhecida e trágica, o aporte familiar mereceria um tratamento mínimo. A história é real, mas da forma que se apresenta pode se associar a história de uma heroína fictícia como dos desenhos animados.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É sempre oportuno que os livros infantis tragam, em seu corpo, a vida de pessoas reais que se tornaram conhecidas por terem ultrapassado os problemas, as crises e até as tragédias de um modo incomum por sua agência ou protagonismo. Essas pessoas de “carne e osso” oferecem grandes lições à humanidade, pois superaram os reveses, em geral, de modo digno e surpreendente. As histórias do livro conjugado de Winter (2019), tanto de Iqbal quanto de Malala, são inspiradoras nesse sentido.

Apesar da dimensão heroica marcar essas pessoas, no caso aqui considerado crianças, é fundamental termos uma compreensão adequada que vivemos em sistemas, junto aos outros, que podem nos oferecer um suporte, um holding, uma sustentação tal como advogou Winnicott (1996) a respeito do papel positivo da família em vários quadros por ele analisados. Há uma representação social que Psicanálise é para tratar de pessoas “neuróticas” como “desajustadas”, mas a abordagem Winnicottiana e outras abordagens pós-freudianas têm apontado o valor dos relacionamentos também na construção da saúde emocional das pessoas.

As histórias certamente educam. Não apenas as crianças. As histórias fundamentam as principais religiões e as grandes filosofias. As crianças também educam. Educam os adultos a ver o mundo de uma outra forma. A história de Malala é de heroísmo, mas ela é como todo ser humano uma heroína com vínculos.

Nosso intuito aqui foi considerar algumas lacunas da obra em tela considerando inclusive a possibilidade do professor/a da educação infantil poder “enxertar” em uma conotação de histórias essa outras nuances dessa história tão trágica, mas também tão educativa.

## REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. *A Lingüística: uma introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez, 2008.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem Feita*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

WINNICOTT, Donald Woods. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

WINNICOTT, Donald Woods. *Tudo começa em Casa*. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

WINTER, Jeanette. *Malala, uma menina muito corajosa. / Lqbal, um menino muito corajoso. 6 ed. Campinas: Verus, 2019.*

YOUSAFZAI, Malala. *Eu sou Malala.* São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

YOUSAFZAI, Ziauddin; CARPENTER, Louise. *Livre para voar.* São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ZIMERMAN, David E. *Fundamentos Psicanalíticos: teoria, técnica e clínica: uma abordagem didática.* Porto Alegre: Artmed, 1999.